

Pataxós retomam área do descobrimento

Governo transforma local da primeira missa, no Sul da Bahia, em reserva indígena. Até o ano 2000, aldeia ganhará um museu

Lauro Rutkowski
Da equipe do **Correio**

O governo federal vai devolver aos índios o pedaço de terra em que foi realizada a primeira missa no Brasil, celebrada em 26 de abril de 1500 pelos descobridores portugueses. O ministro da Justiça, Renan Calheiros, e o presidente da Fundação Nacional do Índio, Sullivan Silvestre, entregam hoje aos líderes pataxós da comunidade de Coroa Vermelha o documento que lhes garante a posse de 1.492 hectares. Assinado pelo presidente Fernando Henrique, o decreto de homologação é uma reivindicação de 26 anos da comunidade de Coroa Vermelha e será entregue aos pataxós em cerimônia em Porto Seguro.

Bairro do município de Santa Cruz de Cabralia, a aldeia de Coroa Vermelha tem dois mil moradores (metade deles são brancos) e no ano passado ganhou o status de área indígena com a demarcação das terras pelo governo. O decreto de homologação é a última etapa do reconhecimento da área como indígena. O nome do município (Cabralia) é uma homenagem a Pedro Álvares Cabral, o navegador português que aportou no sul da Bahia em 1500 e descobriu

o Brasil. Passados 498 anos da descoberta, as condições de vida no município continuam parecidas com as da época de Cabral. As moradias são precárias. Não há água encanada nem esgoto. A maior parte das crianças sofre com verminoses.

A área homologada integrará o Museu Aberto do Descobrimento, que será inaugurado para marcar os 500 anos de descobrimento dentro de 18 meses. Até 22 de abril de 2000, também deverá estar concluído o Parque Histórico da Coroa Vermelha, com casas e todas infra-estruturas para abrigar os pataxós que vivem na região em condições precárias.

Segundo o antropólogo Roberto Pinho, presidente da Fundação Quadrilátero do Descobrimento, a idéia é construir uma vila para moradia e uma espécie de centro cultural-comercial, onde os índios poderiam vender peças de artesanato aos turistas que visitam a região atraídos pelas praias de Porto Seguro.

Os pataxós ficaram famosos com a morte do índio Galdino Jesus dos Santos, queimado em abril do ano passado, em Brasília, por um grupo de jovens em busca de diversão. Galdino morava na área indígena de Caramuru-Catarina-Paraguassu e estava na capital para reivindicar a

demarcação de terras. A aldeia de Galdino fica a cem quilômetros de Coroa Vermelha.

CONFLITOS

A comunidade de Galdino reivindica 36 mil hectares que receberam em 1926 — depois de uma demarcação feita pelo Exército. A terra foi tomada por fazendeiros na década de 70. A região é um palco tradicional de conflitos entre fazendeiros e índios. Em março, 30 famílias de índios pataxós invadiram a fazenda Santo Amaro, instalada na área indígena de 1.750 hectares conhecida como Aldeia Velha. Os pataxós foram expulsos da região por grileiros.

O índio Galdino Jesus foi queimado enquanto dormia num ponto de ônibus da 703/704 Norte, na madrugada do dia 21 de abril. Os responsáveis pelo crime foram Max Rogério Alves, Antônio Novely Vilanova, Eron Chaves de Oliveira, Tomás Oliveira de Almeida e o menor G.A.N.J., 16 anos. G. ficou detido no Centro de Atendimento Juvenil Especializado. Condenado a três anos de internação num centro de recuperação — pena máxima prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente —, o menor foi libertado por decisão da 2ª Turma Criminal do Tribunal de Justiça depois de quatro meses.

Os maiores de idade foram para o Núcleo de Custódia de Brasília, onde aguardam julgamento por crime de lesão corporal seguida de morte, cuja pena máxima prevista é de 12 anos de prisão.

GB
25/6/98
Pataxós 220 13

CB
25/6/98 13
PAB 200

MEMÓRIA

CINCO SÉCULOS DE PERSEGUIÇÃO E ESCRAVIDÃO

Os índios pataxós têm uma longa história de perseguição. Quando o navegador português Pedro Álvares Cabral desembarcou no Brasil, eles ocupavam toda o extremo sul da Bahia. Escravizado e dizimado pelos homens brancos, o grupo decidiu fugir para a região

do Monte Pascoal — uma reserva com 14 mil hectares, com vegetação remanescente da Mata Atlântica e hoje parque florestal.

Em 1972, o então Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) decidiu expulsar os índios de lá e os alojar em Coroa Vermelha. O argumento: os pataxós promoviam queimadas e trabalhavam na extração de madeiras nobres a mando dos brancos. Mesmo fora do parque florestal, os pataxós continuaram ajudando os madeireiros, que se valem do fato de os índios não poderem

responder por crimes ambientais.

Numerosos na época do descobrimento, os pataxós hoje não passam de seis mil pessoas, distribuídas em sete áreas no sul da Bahia (Águas Belas, Barra Velha, Caramuru-Catari-na-Paraguassu, Fazenda Bahiana, Imibiriba, Mata Medonha, Santo Amaro e Boca da Mata). Estão praticamente aculturados. A única manifestação corporal é o toré, uma espécie de dança de roda, sempre presente nos momentos de alegria e tristeza. Todas as suas canções são compostas em português. (LR)